

A POSTURA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA: atitudes que promovem bons comportamentos e alto rendimento educacional

Laura KUBATA
Rafael de Carvalho FRÓES
Renta Munhoz M. FONTANEZI
Profa. Ms. Flávia Herker Lopes BERNABÉ (orientadora)

Resumo: Diante da situação de ensino do nosso país, de problemas comportamentais em sala de aula e do baixo nível de rendimento educacional, este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo analisar as posições de professores e alunos de escolas públicas e particulares, e correlacionar as necessidades que alunos evidenciarão em uma pesquisa de nível qualitativo, com o que os professores alegam oferecer. Sendo assim, um consenso entre ambos poderá ser estabelecido, promovendo uma sugestão de postura do professor em sala de aula, que trará benefícios para a educação como bons comportamentos e alto rendimento de conteúdos.

Palavras-chave: educação; escola; professor; aluno; comportamento.

Abstract: Taking into account the teaching situation in our country, behavior problems in the classroom and the low level of contents learning, this study aims at analyzing the teachers' and students' positions in public and private schools and correlate what teachers claimed to offer in a qualitative research. Therefore, a consensus between the teachers and students could be reached, by organizing a suggestion for the teacher's role in the classroom, which will bring benefits for education such as good behavior and high level of contents learning.

Keywords: education; school; teacher; student; behavior.

Introdução

O tema educação nos dias de hoje é bastante estudado, pesquisado e comentado, por ser de extrema importância na vida de uma pessoa, pois, através do conhecimento e de estudos, o indivíduo possuirá atributos para se desenvolver socialmente.

O que muito tem se falado e divulgado pela imprensa são os problemas que atualmente se passam em sala de aula nos níveis de ensino fundamental e médio. Alunos desmotivados simplesmente ignoram a presença do professor, lhe faltam com respeito e não demonstram qualquer interesse pelo assunto proposto; sendo assim, o profissional da educação se sente menosprezado e não tem motivação em preparar uma boa aula, com a prévia sabedoria de que a sala não aproveitará o conteúdo a ser ministrado.

Problemas como este vem degradando a educação do país e resultando em baixos índices de aprendizado, até mesmo agressões contra professores foram registradas ao longo desta década. Em parte, isso se deve à mudança ocorrida nos anos 90 no sistema de educação implantado pelo governo, denominada progressão continuada, no qual, o aluno da escola pública, não fica mais retido em nenhuma etapa dos anos letivos, e isso serve de válvula de escape para estudantes desinteressados e desprovidos do receio de retenção em determinada série, dando ao mesmo a autonomia de somente realizar o que quer em sala de aula, desfrutando de liberdade incondicional nos momentos de aprendizagem.

É bastante importante explicitar que problemas como este não somente se sucedem em escolas públicas ou municipais, há problemas semelhantes também em escolas particulares, onde os professores têm de se esforçar para conseguir a atenção do estudante displicente e sem comprometimento, que muitas vezes não respeita a postura do docente.

Considerando toda a tecnologia atual vigente, é fácil admitir que a TV, a Internet e todos os outros meios eletrônicos de comunicação, são concorrências desleais para a escola, os alunos atuais são extremamente dinâmicos e necessitam de uma atenção particular do professor neste sentido.

A discussão e o interesse sobre o tema, resultou-se na realização de uma pesquisa com professores de rede pública e particular e alunos com faixa etária entre 13 e 17 anos do ensino fundamental e médio, para assim avaliar-se uma possível reversão dos fatos.

A postura do professor em sala de aula, bem como suas artimanhas em articular o conteúdo teórico a ser ensinado com atividades mais dinâmicas e uma abordagem moderna são, sem dúvida, pontos de partida para a solução de problemas em sala de aula, tanto no sentido disciplinar (comportamento do aluno) quanto no índice de rendimento de conteúdos que serão aproveitados pelo estudante.

Este trabalho tem como objetivo articular toda a pesquisa em nível qualitativo com a teoria utilizada, delineando o papel de professor e de aluno, promovendo um confronto das expectativas dos estudantes para um bom e dinâmico momento de aprendizado, com o que o professor alega oferecer.

A princípio, um estudo sobre os moldes de comportamentos de ambos no passado e no presente será desenvolvido. Posteriormente, um recorrido sobre a missão, as características e a didática de diferentes tipos de professores, embasados em relevantes apoios teóricos, partindo

então, para a pesquisa, tentando assim, por meio de uma análise de dados coletados, promover-se um consenso entre a argumentação dos entrevistados.

1 Moldes de comportamento: professor/aluno

Quando se fala em moldes de comportamentos e situações de ensino, tanto em relação ao professor quanto ao aluno, o que se pode verificar em um primeiro momento, são as diferenças existentes em tempo passado e em tempo presente dentro de uma escola.

É importante demonstrar essa diferença, pois assim pode-se estabelecer um comparativo, supondo que os problemas ocorridos atualmente em sala de aula, são decorrentes da drástica mudança implantada no ensino, e também da mudança dos valores culturais de época para época.

1.1 A educação no passado: professor/aluno

Muito do que se sabe em relação à educação no passado, a situação e regras de uma escola, são relatos empíricos de professores e alunos da época. Se comparada a educação atual com a de trinta anos atrás, com certeza encontrar-se-á uma mudança drástica em vários sentidos.

Houve uma época em que o professor era tão valorizado que representava status ter essa profissão. Aulas nos cursos ginásial e colegial costumavam ser ministradas até por médicos e engenheiros, e compensava financeiramente. Os alunos eram habituados a se colocarem de pé quando o mestre entrava na sala. O respeito aos mais velhos era regra de educação[...] (RODRIGUES, Valdes. 2008).

A citação acima é bastante pertinente a este tópico do trabalho, pois nos mostra a realidade totalmente diferente de décadas passadas dentro da escola. É certo que havia muito mais respeito dos alunos pelos professores, e que estes eram considerados profissionais de status devido ao valor que obtinham pela profissão.

Naquela época, os alunos viviam em outra atmosfera social, os valores atuais são bem distintos dos da época em questão; jamais podiam contar com a velocidade de informações e entretenimento que os estudantes recebem nos dias atuais, e os pais também logravam impor mais respeito aos filhos.

Sem dúvida houve um tempo em que ensinar era muito menos complexo. A vida, em seu cotidiano, era muito mais comunitária e as salas de aula abrigavam, nas escolas, número muito menor de alunos. Além de tudo isto, as cabecinhas estavam menos desarrumadas

pelos meios de comunicação de massa com sua transmissão de valores conflitantes (MORAIS, 1986, p. 13).

Ao entendermos a citação de Morais (1986) acima reproduzida, pode-se afirmar que, desde a sua escrita, a educação já demonstrava sinais de mudanças, e o autor salienta a maior facilidade existente no trabalho docente em escolas regulares no passado, devido às características atuais antes inexistentes nos alunos e nas escolas.

Mas, por outro lado, é bastante questionável a situação de tempos atrás em sala de aula, no que diz respeito à postura do professor, que muitas vezes demonstrava ares de superioridade, ou seja, os alunos tinham respeito adquirido através do medo que o mesmo impunha. E o que se tem consciência, é que educação e conhecimento somente são adquiridos integralmente, quando se há compromisso, responsabilidade, cordialidade e respeito entre professor e aluno.

1.2 A educação no presente: professor/aluno

O que acontece atualmente na educação, na relação professor-aluno, é preocupante ao pensarmos que a educação estruturada é indispensável para o indivíduo. Mas a decorrência de confrontos entre educador e estudante acaba abalando essa estrutura, que resulta em professores insatisfeitos e alunos com precários conhecimentos sobre diversas disciplinas.

[...] Os tempos foram mudando, os governos deixando de valorizar esses profissionais, e hoje chega a ser uma aventura ter de enfrentar uma classe de quarenta alunos, sem os mesmos meios de disciplina e ganhando muito mal. Os resultados foram: a queda na qualidade do ensino e o crescimento da violência, dentro e fora das classes. Muito dessa culpa cabe também aos pais, que muitas vezes se esquecem de cuidar da educação em casa e também não acompanham de perto a vida escolar de seus filhos. Acham que a escola tem que dar instrução e educar o aluno, quando a obrigação primordial é deles, em casa [...] (RODRIGUES, Valdes. 2008).

Ao longo da década de 90 até os dias atuais, nota-se a complexidade dos problemas da educação, em virtude de má disciplina e baixo índice de aprendizado tomando proporções assustadoras para um país em desenvolvimento. A situação não só pode como deve ser revertida, e o professor com sua sabedoria, importância e mudança de hábitos pode ser o grande provedor da solução.

Como visto, há grande distinção de situações de ensino entre passado e presente, mas não há dúvidas de que o professor que se disponibiliza a adequar os meios atuais nos momentos

didáticos e a ser um aliado do aluno, conseguirá dele o mesmo respeito que imperava nas salas de aula de tempos atrás.

A partir deste ponto, será feito um estudo sobre a missão dos professores, suas respectivas características e didáticas, e a importância de aprimoramento de suas atividades dia após dia.

2 Professores: missão, características e didáticas

A carreira de um professor engloba uma gama de deveres a serem cumpridos, é necessário então, que o mesmo perceba a importância de se preocupar com a qualidade de sua docência. Para que isso aconteça, o professor deve se auto avaliar em todos os dias de seu trabalho, tendo em vista o controle e o conhecimento sobre sua missão, suas características e sua didática.

2.1 Missão (Aprimoramento de suas atividades)

Para um professor estar em constante aprimoramento de seu trabalho, é necessário que ele reconheça que uma formação continuada de suas respectivas qualificações é fundamental, assim, poderá colocar em prática suas ações e estratégias para manter a disciplina e respeito em sala de aula, e fazer com que o aluno se interesse pelo conteúdo a ser ministrado.

De acordo com Liberali (1999), a auto-reflexão que o professor deve providenciar sobre seu trabalho, consiste em verificar quatro ações: *descrever*, *informar*, *confrontar* e *reconstruir*.

Cortez (2003), apoiado em Liberali (1999) nos demonstra estas quatro ações. Segundo o autor, o momento de *descrever*, consiste no ato do professor relatar por escrito suas ações em aula, aqui, conseguirá de maneira eficaz fazer uma autocrítica de suas estratégias e objetivos traçados para certo conteúdo.

No que diz respeito a *informar*, o autor relata que nesta etapa o professor vai em busca de teorias para embasamento e fundamentação da aula planejada. “A maneira como ensino demonstra qual a relação de poder existente na sala de aula” (CORTEZ, 2003, p. 225).

O *confrontar* consiste em uma análise sobre postura e atitudes nos momentos do ato de ensinar, assim, o professor poderá chegar à conclusão se está de maneira correta, proporcionando ou não, o conhecimento e crescimento de seu aluno.

Finalmente, há o reconstruir, que é o momento de encarar com maturidade e humildade que não estamos prontos/acabados, que estamos sempre em crescimento/mudança. É a fase de enxergar – sozinha e também com a ajuda dos participantes – que há lacunas em nossa prática que podem ser melhoradas/preenchidas, à medida que entendemos e aprendemos novas formas de agir (Cortez, 2003, p. 225).

De acordo com Cortez (2003), a ação de *reconstruir*, é a consciência de que o professor nunca está totalmente preparado em todos os aspectos que engloba sua missão, é reconhecer que uma evolução de suas qualificações é de extrema relevância para a sua profissão.

Em contrapartida, Sheppard (1974), propõe uma outra perspectiva e demonstra como ser um bom professor com cinco princípios diários, para que assim, o mesmo possa avaliar suas ações e métodos e não se perca em meio a seus planejamentos e objetivos, proporcionando a seus estudantes conhecimento com qualidade.

Segue abaixo, a tabela contendo os princípios mencionados por Sheppard (1974), que podem subsidiar a missão diária do profissional de educação.

-
- 1) Descubra onde você se encontra: pré-teste.

 - 2) Especifique aonde deseja ir: defina os objetivos.

 - 3) Planeje uma viagem e desfrute-a: planeje e execute um programa de ensino.

 - 4) Determine para onde se dirige: avalie continuamente.

 - 5) Modifique seus planos de viagem, se necessário: ajuste os programas de ensino.

As quatro ações mencionadas por Cortez (2003) apoiado em Liberali (1999) e os princípios diários propostos por Sheppard (1974), são ferramentas importantes às quais os professores devem levar em consideração para uma auto-avaliação. Uma reflexão proposta por Morais (1986) é bastante pertinente ao profissional; para o autor, o professor considerado indispensável é aquele que sabe ensinar a caminhada independente, ou seja, a sua própria dispensabilidade.

Sabe-se da existência de diferentes perfis de educadores, e que nem todos considerariam esta análise de trabalho necessária. No entanto, se a maioria passasse a reconhecer a imprescindibilidade deste ato, e a valorizar sua missão diária enquanto um formador, o ensino nas escolas regulares de nosso país já estaria dando um grande salto em crescimento.

2.2 Características e didática dos professores

Para se estudar as características e didáticas de perfis de profissionais da educação, teorias e textos organizados por Novoa (2000), que é de extrema importância ao tema deste trabalho, serão utilizados. Aqui, aborda-se a tipificação dos profissionais de educação, principiando um estudo sobre uma sugestão de postura ao professor, que tentará propor-se por meio da pesquisa realizada com indivíduos envolvidos no processo de ensino fundamental e médio.

Segundo Nidelcoff (1983), existem linhas que caracterizam o trabalho dos professores, ou seja, são características que revelam a identidade do trabalho dos mesmos.

O “Professor Policial”

De acordo com o autor, este professor caracteriza-se pelo autoritarismo. É o único que sabe e ensina, e os estudantes são aqueles que não sabem e devem apenas aprender. O aprendizado se dá apenas pelo ato de escutar e prestar atenção a quem sabe.

Os objetivos desse tipo de professor são:

- Manter a disciplina, fazer com que os alunos obedeçam sem questionar;
- Prioriza o fator intelectual e consideram bons alunos aqueles com boas notas;
- Pretende que os alunos cumpram tudo que lhes foi ordenado;
- Condena a rebeldia e o espírito crítico, formando indivíduos que só concordam com o que lhe é dito.

Quanto ao conteúdo a ser ensinado:

- Aprecia a cultura popular e a experiência;
- Preocupa-se com a funcionalidade dos conteúdos;

- Revisa os conteúdos ideológicos dos livros e textos.

Como trabalha:

- Não é capaz de perceber as origens sociais do fracasso escolar;
- Valoriza apenas o conhecimento;
- Considera a avaliação patrimônio do professor;
- Não incentiva a autocrítica;
- Estimula atitudes passivas e conformistas;
- Puni de maneira radical o mau comportamento, mas não obtém sucesso.
- Considera a escola apolítica;
- Não vê os pais como companheiros de trabalho;
- Força um ritmo de trabalho aos alunos;
- Sente que seu trabalho é um sacrifício que não é reconhecido;
- Se sente injustiçado pela responsabilidade do trabalho, porém faz o mínimo exigido.

O “Professor Povo”

Para Nidelcoff (1983), este tipo de professor não se preocupa apenas com a aprendizagem intelectual, mas visa a formação de atitudes, visto que seus alunos são pessoas e não “máquinas de aprender”. No que diz respeito ao método de aprendizagem, sua linha geral é: “Partir da observação e da análise de situações reais e concretas”.

Objetivo:

- Ajudar o aluno a ser capaz de liberar-se das estruturas opressivas da sociedade.

Quanto ao conteúdo a ser ensinado:

- Expressa sempre uma ideologia e uma cultura e ao optar por um ou outro, o educador posiciona-se frente aos mesmos.

Como trabalha:

- Incentiva os alunos a verem a realidade com lucidez e espírito crítico;

- Auxilia os alunos a assumirem seu compromisso diante da realidade;
- Ajuda os alunos a descobrirem a capacidade que têm;
- Parte sempre da observação e análise das situações reais e concretas a fim de captar a bagagem que os alunos trazem;
- Valoriza o trabalho em grupo;
- As normas de disciplina são construídas e vividas pelas próprias crianças;
- Responsabiliza-se pela aprendizagem de cada estudante;
- Avalia a si mesmo como um educador, não como um simples transmissor de informações;
- Leva em conta os fatores sociais do rendimento escolar;
- Respeita o ritmo de cada um;
- Posiciona-se frente ao papel político da escola;
- Sente-se integrante da realidade dos alunos;

O “Professor Reflexivo”

Mackay (2003) apresenta ainda outro tipo de professor: o professor reflexivo. Em seu livro *O Professor Reflexivo: guia para investigação do comportamento em sala de aula*, a autora trata de formas variadas para se chegar a ser um professor reflexivo com dicas para uma pesquisa ordenada, a fim de distinguir e solucionar problemas habituais de uma sala de aula, motivando os professores às práticas reflexivas em seu contexto de trabalho.

Segundo Mackay, os professores estão constantemente tomando decisões, o que pode acontecer antes, durante e depois da aula.

A prática reflexiva, cujos principais elementos são o conhecimento geral (acadêmico) e os valores pessoais, liberta o professor do comportamento de rotina, faz com que planeje aulas mais atrativas e o habilita a agir de forma determinada, melhorando a prática do ensino.

Características deste profissional:

- Tenta resolver problemas em sala de aula;

- É ciente dos valores e suposições que trazem para o ensino;
- É sensível ao contexto do qual ensina;
- Participa do desenvolvimento curricular e de projetos;
- Assume a responsabilidade pelo próprio desenvolvimento profissional.

Estágios do ensino reflexivo:

- O Professor identifica um problema em sala de aula;
- Analisa suas possíveis causas;
- Coleta e estuda dados que o ajudarão a resolver os problemas (registros de sala de aula, planos de aula e *journals*, observações em sala documentadas (vídeo e fita K7), questionários e entrevistas também são dados relevantes que o professor reflexivo pode utilizar);
- Utiliza as informações que reuniu para mudar alguns aspectos de suas aulas, como uma alternativa válida para a resolução de problemas da classe.

Um educador que reflete sobre os problemas que ocorrem em sua sala de aula é um educador que busca o desenvolvimento dos alunos, assim, torna-se viável sempre refletir sobre o comportamento de seus estudantes e suas dificuldades, bem como, suas próprias dificuldades e causas das mesmas. Portanto, o professor reflexivo tende a ser diferente, porque não é um professor rotineiro, busca novidades, pesquisa, estuda, e com isso, melhora sua prática de ensino.

Com base nas características dos professores analisados, pode-se dizer que é imprescindível que, nas escolas, onde existem profissionais de várias formações, cada qual com seus valores, modo de agir e pensar, haja respeito a essa diversidade de pensamento buscando desenvolver ações a serem seguidas por todos na busca de um mesmo objetivo.

2.3 Ciclos de vida dos professores

Ao longo da vida, o educador passa por várias fases durante sua jornada profissional. De acordo com Huberman (2000), a carreira docente possui uma sequência. O autor

esquematiza o ciclo de vida dos professores em cinco etapas de acordo com seu tempo de carreira:

- 0-3 anos: correspondem à entrada e tateamento;

Caracteriza-se pela preocupação consigo mesmo e pela percepção da diferença entre os ideais e a realidade em sala de aula. O professor sente certa dificuldade em relação às questões colocadas pelos alunos e com o material didático. Porém, é uma fase de entusiasmo inicial de assumir uma sala de aula.

- 4-6 anos: fase de estabilização, consolidação de um repertório pedagógico;

Nesta fase o professor se sente em uma crescente competência pedagógica, o que o dá mais segurança na resolução de situações mais complexas.

- 7-25 anos: ocorre diversificação, ativismo ou questionamento;

O professor, nessa fase, diversifica o material didático, as formas de avaliação. Sente-se mais seguro e com autonomia. Na fase de questionamento, há uma sensação de rotina, que leva o professor a se questionar quanto à profissão.

- 25-35 anos: aparecem a serenidade, distanciamento afetivo ou conservantismo;

O questionamento citado anteriormente pode gerar um distanciamento afetivo ou conservadorismo e lamentações. Nesta fase o professor se sente mais seguro ou queixa-se de aspectos relacionados aos alunos, colegas de trabalho e ao ensino.

- 35-40 anos: desinvestimento (sereno ou amargo);

Caracteriza-se por um processo de mudança de ideais por parte do professor, que deixam de investir na carreira. Pode acontecer de forma serena (professores que se libertam, sem lamentações, para dedicar mais tempo a si próprios) ou de forma amarga (professores frustrados e desiludidos com o resultado de seu trabalho).

A sequência considerada mais harmoniosa pelo autor seria a *Diversificação* > *Serenidade* > *Desinvestimento Sereno*, enquanto as sequências problemáticas seriam *Questionamento* > *Desinvestimento Amargo* e *Questionamento* > *Conservantismo* > *Desinvestimento Amargo*.

Segundo Fontoura (2000), ao professor foram acometidas novas obrigações, esperando que ele desempenhe papéis mais complexos que antes não lhe cabiam. Qual seria então a função do professor afinal? Em meio a tantos transmissores de cultura, como o rádio, a televisão, os jornais, etc., resta ao professor desempenhar o seu papel através de abordagens em sala de aula que possam funcionar tão bem, quanto os meios citados.

2 Problematização: Como reverter a situação atual de alunos com mau comportamento e baixo rendimento escolar

A 'crise' alastra, o 'mal-estar' dos professores aumenta e 'toda a gente' fala da escola e deplora a situação dos alunos que ou 'não sabem nada' ou têm a 'cabeça cheia de coisas inúteis' por 'incompetência' ou inoperância dos professores (FONTOURA, 2000, p. 175).

Para a reversão da situação caótica na qual se encontra o ensino de nosso país, é necessário que uma série de ações e providências sejam tomadas. Não é justo considerar este problema como de responsabilidade permanente e única dos professores, a mudança deve ser promovida desde as bases e diretrizes curriculares propostas pelo ministério da educação e cultura, e vir atingindo outras etapas, como gestões escolares, chegando então, no momento em que professor e aluno mantêm contato em sala de aula. Mas a princípio, o que pode ser efetuado para uma melhora em grande escala na convivência e nos rendimentos escolares na relação professor e aluno, é a mudança de abordagem que pode ser oferecida pelo próprio professor.

Segundo Freire (1982), é importante que o educador assuma a ingenuidade dos alunos, para que assim junto a eles consiga superá-la. Com apoio no que propõe o autor, consideramos também, que o professor deve estar ciente das condições sociais e problemas individuais que estão contribuindo para decadência da educação, assumir que seus alunos têm problemas diversos e que possa ser a eles uma espécie de apoio.

E o que dizer, mas sobretudo que esperar de mim, se, como professor, não me acho tomado por este outro saber, o que de preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos e à própria prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano (FREIRE, 1996, p.159).

Pode-se também, ainda relacionado a Freire (1982), demonstrar o poder que o professor tem, mas muitas vezes desconhece, de ser a peça chave para que a educação em nosso país recupere bons comportamentos e índices de aprendizados já registrados no passado, e que, novamente, possamos sentir orgulho de nossa educação.

Assumir o problema já é o primeiro passo para o professor encontrar soluções viáveis para melhorar seu ambiente de trabalho junto aos discentes. O que propõe-se neste trabalho, é poder conhecer a realidade do professor e as necessidades do aluno atual dentro da sala de aula, pois, conhecendo realidades e necessidades, é possível propor uma melhor conduta do docente em sala de aula, sendo adequada e provedora da esperada mudança.

3.1 Pesquisa – métodos e participantes

De acordo com o estudo deste trabalho, sobre a postura do professor em sala de aula, os diferentes tempos de ensino e as abordagens e características dos docentes; foi aplicada uma pesquisa de campo em nível qualitativo, a fim de tornar possível estabelecer as realidades e necessidades dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, podendo correlacioná-las, partindo para uma proposta de postura do professor em sala de aula, que possa melhorar o relacionamento dos mesmos, proporcionando bons comportamentos e alto rendimento de conteúdos aproveitados pelos discentes. A pesquisa foi aplicada para quatro professores, docentes de alunos entre 13 e 17 anos e quatro alunos da mesma faixa etária, sendo dois pertencentes à rede pública de ensino e dois, à rede particular (professor e aluno) respectivamente.

3.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados através de questionários contendo quatro questões abertas, tanto para os docentes quanto para os discentes, para que eles respondessem e relatassem as realidades e necessidades do cotidiano escolar, sem indução de respostas por parte do aplicador, deixando-os livre para expressarem suas posições.

3.3 Análise de dados

Após a aplicação da pesquisa, os dados coletados, foram individualmente e qualitativamente analisados, para que o consenso final entre as respostas pudesse ser possível neste trabalho.

3.4 Resultados de pesquisa

Os resultados que seguem abaixo, são pertencentes à pesquisa de nível qualitativo, respondida por quatro professores e quatro alunos da Rede Pública e Particular. Todas as respostas foram reproduzidas integralmente, e sem qualquer alteração de sentido ou correção ortográfica.

Tabelas 1 e 2: Estas tabelas são referentes às respostas da primeira questão, respondidas por professores (tabela 1) e alunos (tabela 2). Seguem abaixo as perguntas referentes às tabelas:

- 1 - Qual a maneira mais eficaz de se conseguir admiração e respeito dos alunos?
- 2 - Como o professor deve se portar para conseguir sua admiração e respeito?

Tabela 1

Professor – Escola	Respostas 1º Questão
Professor A – Escola Pública	Quando você demonstra que tem competência na disciplina, e trata o aluno com carinho e atenção.
Professor B – Escola Particular	Quando se demonstra conhecimento sobre os conteúdos da disciplina com a qual trabalha, procura atender aos alunos em suas dúvidas e mantém a palavra naquilo que foi combinado.
Professor C – Escola Pública	Ser maleável e tentar compreender o universo do estudante. Com certeza este é o primeiro passo para que se consiga ser admirado pelo mesmo, e o tratando de igual para igual, sem que ele possa pensar que você é mais do que ele.
Professor D – Escola Particular	Ser disciplinado, responsável, firme e ao mesmo tempo atencioso (dispensar uma atenção carinhosa) verdadeira.

Tabela 2

Aluno – Escola	Respostas 1º Questão
Aluno A – Escola Pública	Sendo legal, extrovertido, atencioso e interagir de uma forma diferente com os alunos.
Aluno B – Escola Particular	Ter respeito, ensinar bem, ser legal, ter todas as matérias na ponta da língua e só dar bronca quando precisar.
Aluno C – Escola Pública	Bom, ele deve além de ter toda matéria na ponta da língua, ter um bom relacionamento com todos os seus alunos, chamar atenção só quando for preciso de verdade.
Aluno D – Escola Particular	Ter paciência com os alunos; responder as perguntas precisamente; fazer boas explicações.

Na primeira questão da pesquisa, pode-se notar um consenso entre o que o professor alega oferecer com as necessidades dos alunos. Na maioria das respostas, o que foi mencionado em geral, é que, uma harmonia em sala de aula, na relação entre docente e discente, resulta em um melhor trabalho. E que um professor bem preparado em relação ao conteúdo, aliado a uma boa didática, consegue uma maior admiração e respeito.

As declarações acima reproduzidas, remetem-se diretamente a Nidelcoff (1983), quando revela as características do “Professor Povo” que segundo a autora compreende que, os alunos não são meras *máquinas de aprender*. Pode-se a partir do que propõe a autora, perceber que uma humanização em sala de aula, permite que o rendimento educacional seja muito melhor.

Todos os professores que responderam a esta questão, fizeram com que os relacionássemos ao que defende Moraes (2000), que o professor com sua experiência deve ensinar a caminhada independente ao aluno, demonstrando assim, sua própria dispensabilidade. Portanto, um tratamento com carinho e atenção, pode fazer com que o aluno reflita, que o professor por ser uma pessoa mais velha e experiente pode ter muito a oferecer.

Para avaliar o trabalho no que diz respeito às atividades e conteúdos em sala de aula, foram elaboradas as seguintes questões:

Tabelas 3 e 4: Estas tabelas são referentes às respostas da segunda questão, respondidas por professores (tabela 3) e alunos (tabela 4). Seguem abaixo as perguntas referentes às tabelas:

3 - Quais atividades elaborar para prender a atenção do aluno?

4 - Qual o estilo de aula / professor que mais te prende a atenção e o interesse em aprender certo conteúdo?

Tabela 3

Professor – Escola	Respostas 2º Questão
Professor A – Escola Pública	Atividades que permitam aos alunos uma reflexão maior, sendo assim, eles terão de pensar mais, o que os faz ficarem menos inquietos.
Professor B – Escola Particular	Atividades que sejam claras e que os façam refletir, que sejam sobre os conteúdos realmente estudados e que respeitem o perfil dos alunos (faixa etária, interesses, necessidades, etc), bem como a variedade de formulações das questões (tipos de perguntas).
Professor C – Escola Pública	Atividades de interação, abordando o cotidiano do aluno, troca de informações e tarefas em grupo.
Professor D – Escola Particular	Atividades que façam com que o aluno interaja com os demais e ao mesmo tempo preste atenção às orientações do professor. Ele precisa se sentir parte da aula, como a lousa ou o próprio professor. E a aula deve fazer parte do mundo do mesmo.

Tabela 4

Aluno – Escola	Respostas 2º Questão
Aluno A – Escola Pública	Quando o professor explica a matéria brincando e interagindo com o aluno, mas sem sair fora do assunto.
Aluno B – Escola Particular	Aula e professor engraçado, divertido e que não dá sono.
Aluno C – Escola Pública	Aula de gramática às vezes o conteúdo não é muito legal, mas mesmo assim a professora consegue prender a atenção do aluno, não parando de falar um minuto e agindo de forma descontraída.
Aluno D – Escola Particular	Aula descontraída, que mescle a matéria com brincadeira e descontração, colocando exemplos da matéria na vida real.

Na segunda questão da pesquisa, verifica-se que as respostas dos professores e alunos se divergem em uma pequena escala, pois nenhum dos docentes menciona, diferentemente dos discentes, uma maior presença de descontração em sala de aula; o que leva a classificar-se

aqui o professor como somente “Povo”, pois trabalha por aulas de qualidade e segundo Nidelcoff (1983), busca implementar nas atividades e conteúdos propostos a realidade e perfil dos estudantes, dando importância ao universo do qual o mesmo faz parte. Mas, o que os alunos parecem necessitar é a junção do perfil do “Professor Povo” proposto por Nidelcoff (1983) com o perfil do “Professor Reflexivo” proposto por Mackay (2003), que trabalha de variadas formas para que a aula não se torne rotineira e seja dinâmica como forma de captação da atenção do estudante.

É preciso que o professor, neste sentido, entenda o que propõe Cortez (2003). Segundo a autora, o educador nunca está preparado totalmente para sua prática docente, e que, uma evolução de suas ações, poderá melhorar consideravelmente sua aula, ou seja, mesclar o que na pesquisa eles mencionaram, porém, com um acréscimo de descontração, tão importante para os alunos na faixa etária nas quais se encontram.

Diante das respostas analisadas pode-se classificar os professores segundo Huberman (2000), como entre 7 e 25 anos de profissão, quando no ciclo de vida segundo o autor, o educador diversifica sua aula, é ativo e questiona seus atos.

Com a finalidade de se averiguar uma maior presença de momentos prazerosos em sala de aula, relacionados à eficaz memorização de conteúdo por parte do estudante, foram elaboradas as seguintes questões:

Tabelas 5 e 6: Estas tabelas são referentes às respostas da terceira questão, respondidas por professores (tabela 5) e alunos (tabela 6). Seguem abaixo as perguntas referentes às tabelas:

- 5 - Como você articula momentos prazerosos em sala de aula, com a teoria e conteúdo a ser ministrado?
- 6 - Que tipo de atividade você considera ideal para poder memorizar e aprender certo conteúdo?

Tabela 5

Professor – Escola	Respostas 3º Questão
Professor A – Escola Pública	É importante passar ao aluno que ele pode se descontrair aprendendo, e é mais importante ainda, poder fazer isso com os conteúdos dos quais são mais chatos e complicados para eles.
Professor B – Escola Particular	Eu não devo trabalhar com ‘momentos prazerosos’ e aluno precisa descobrir ativamente

	prazerosos’, o aluno precisa descobrir, através das ações do professor, que a “teoria e o conteúdo” a ser ministrado “são a fonte do prazer”. O professor precisa apoiar-se na “Didática” para não dicotomizar prazer e teoria/conteúdo, pois devem estar sempre juntos. Quando preparo as aulas devo ter em mente a busca do prazer em tudo que vou fazer, lembrando que não falo aqui do prazer banalizado pelos indivíduos.
Professor C – Escola Pública	Trazendo para sala de aula, mais dinamismo e descontração. Para isso é preciso uma atualização constante por parte do professor, para estar mais atualizado e perceber o que mais poderia prender a atenção do aluno, no universo dele próprio.
Professor D – Escola Particular	Desenvolvendo atividades que permitam que todos participem ativamente. Jogos, competições, adivinhações e desafios funcionam bem também. Acho importante e muito produtivo qualquer tipo de atividade que possa trazer momentos animados à sala de aula.

Tabela 6

Aluno – Escola	Respostas 3º Questão
Aluno A – Escola Pública	Interagindo. Eu acho que assim aumenta o interesse em aprender.
Aluno B – Escola Particular	Escrevendo e lendo com o aluno.
Aluno C – Escola Pública	Atividade oral o aluno prefere, com certeza. Mas, não podemos deixar de escrever, pois é uma atividade que faz com que o aluno memorize muitas coisas.
Aluno D – Escola Particular	Através de brincadeiras; prática de bons exercícios; ter uma boa orientação /explicação do professor.

Nesta terceira questão, mais uma vez os alunos mencionam a necessidade de descontração e dinamismo nas aulas, e que assim, conseguirão memorizar com maior facilidade certo conteúdo. Aqui o professor já admite inserir em suas aulas, atividades e abordagens que resultam num momento de ensino mais prazeroso, conseguindo, portanto, a atenção integral do estudante.

Por outro lado, a resposta do professor B (Escola Particular), gera a reflexão que, ao contrário do que respondeu, é possível a dissociação por parte do aluno entre teoria/conteúdo e momentos prazerosos, assim como afirma o professor A (Escola Pública). O estudante, nem sempre é tão maduro para conseguir perceber o que propõe o professor quando declara: “Eu não devo trabalhar com ‘momentos prazerosos’, o aluno precisa descobrir, através das ações do professor, que a ‘teoria e o conteúdo’ a serem ministrados ‘são a fonte do prazer’. O professor precisa apoiar-se na “Didática” para não dicotomizar prazer e teoria/conteúdo [...]” É preciso, ao se analisar esta declaração, que o educador se apóie no que propõe Freire (1982), segundo o autor, o profissional da educação deve assumir a ingenuidade do aluno, para que assim junto a ele, consiga superá-la.

O interessante nas declarações dos alunos B (Escola Particular): “Escrevendo e lendo com os alunos.” e C (Escola Pública): “Atividade oral o aluno prefere, com certeza. Mas, não podemos deixar de escrever, pois é uma atividade que faz com que o aluno memorize muitas coisas” é verificar que mesmo com a modernidade e a necessidade de aulas mais dinâmicas e lúdicas, o aluno ainda tem a consciência de que uma abordagem um tanto quanto tradicional, também é eficaz para o aprendizado e se adaptada a outras abordagens, não ficará cansativa.

No que diz respeito a comportamentos dos discentes em sala de aula, elaboramos as seguintes questões:

Tabelas 7 e 8: Estas tabelas são referentes às respostas da quarta questão, respondidas por professores (tabela 7) e alunos (tabela 8). Seguem abaixo as perguntas referentes às tabelas:

7 - Já houve problemas de comportamentos mais sérios em suas aulas? Qual foi a solução mais pertinente aplicada ao caso?

8 - Em sua sala já houve problemas sérios entre professor e aluno no que diz respeito a comportamento? Qual a atitude tomada pelo professor?

Tabela 7

Professor – Escola	Respostas 4º Questão
Professor A – Escola Pública	A solução mais pertinente foi retirá-lo da sala e levá-lo à diretoria, para que assim fossem tomadas as devidas providências, o aluno foi suspenso.
Professor B – Escola Particular	Sim. O aluno foi retirado da sala de aula e o Diretor da Escola aplicou o disposto no

	Regimento Escolar. Suspensão das aulas por dois dias, com obrigação de retorno à escola com uma série de atividades a serem feitas e entregues como condição para retorno; ciência aos pais e acompanhamento do aluno pelo coordenador, para que tal atitude não se repetisse.
Professor C – Escola Pública	Já tive vários problemas, mas todos tento resolver entre mim e o aluno, é melhor forma para que assim consiga conquistá-lo.
Professor D – Escola Particular	Sim. A solução mais pertinente é pedir a colaboração. Se o aluno ainda assim insistir em não se comportar, o melhor é pedir para se retirar e conversar com ele depois, dizer o quanto apreciaria se ele aproveitasse a oportunidade que tem e aliasse ao potencial que ele possui. Um elogio depois de uma repreensão sempre funciona como incentivo.

Tabela 8

Aluno – Escola	Respostas 4º Questão
Aluno A – Escola Pública	Houve uma briga séria por conta do comportamento de uma aluna, o professor deixou ela pra fora das aulas dele por duas semanas, mais ou menos.
Aluno B – Escola Particular	Deu advertência e disse que se acontecer de novo leva suspensão.
Aluno C – Escola Pública	Sim, muitas vezes. O professor na maioria das vezes manda o aluno para fora e dá uma advertência ou suspensão.
Aluno D – Escola Particular	Houve casos em que o professor levou o aluno à diretoria e lhe aplicou uma suspensão.

Nas declarações para a questão de número 4, houve quase um consenso total entre as respostas de educadores e estudantes, na maioria dos casos, as punições aplicadas aos alunos com maus comportamentos são as mesmas. E neste sentido, é necessário que haja mudança nas atitudes a serem tomadas.

As providências para as soluções dos problemas remetem-se a Nidelcoff (1983) quando relata as características do “Professor Policial”, que somente espera dos alunos disciplina sem questionamentos e aplica punições que nem sempre resultarão em bons comportamentos.

Averigua-se que mesmo que os professores entrevistados em toda a pesquisa se encontram na faixa entre 7-25 anos proposta por Huberman (2000) no ciclo de vida do profissional da educação. Aqui, pode-se classificá-los como entre 25-35 anos, quando ocorre o distanciamento do educador para com o estudante, e o conservadorismo passa a ser uma característica forte do docente. E é importante ressaltar que estes professores ainda nem fazem parte deste ciclo que atinge a linha de trabalho educacional. Sendo assim, é necessário que estudem maneiras mais eficazes de punições.

Houve também declarações mais aliviadoras, e punições que são passivas, porém mais eficazes; como a atitude que seria tomada pelos professores C (Escola Pública) e D (Escola Particular). Uma conversa amigável aliada a fatores psicológicos (os quais este estudo em questão não aborda, mas que são imprescindíveis para a prática docente), funcionaria perfeitamente para uma punição que não cause mal estar entre professor e aluno, não atrapalhe um relacionamento entre ambos, que terá longo prazo, e proporcione bom comportamento em sala de aula.

3.5 Conclusão dos resultados da pesquisa

O que pôde ser percebido nos dados coletados com a pesquisa é a presença de professores de diversos perfis atuando nas escolas, e que adotam, inconscientemente, características teóricas apresentadas neste trabalho, positivas ou negativas, tentando de alguma maneira solucionar problemas disciplinares ou de déficits de aprendizagem.

Os alunos propõem necessidades em comum, porém, os professores se divergem em algumas questões, mas parecem buscar por um mesmo objetivo: aulas produtivas.

Com as respostas foi possível notar que os discentes atuais precisam de uma maior atualização no que diz respeito a sua prática educacional, e assim, terão consequentemente uma maior facilidade em resolver problemas diários. Muitas referências podem ser levadas em consideração; subsidiando, alertando e direcionando o trabalho do educador. Sabe-se que o dia a dia do professor é bastante cansativo, e que o tempo é consideravelmente limitado, mas que é necessário que o professor não somente avalie sua experiência própria como sendo o bastante. Uma evolução de suas ações, proposta por Cortez (2003), tão repetida e comentada ao longo deste trabalho, é indissociável de seus deveres educacionais.

Considerações finais

Com o estudo proposto neste trabalho, foi possível verificar algumas atitudes e expectativas através de importantes declarações de professores e alunos sobre o processo do qual estão envolvidos. Desde o começo, sobre tipificações dos professores apoiados em relevantes teorias, abordando as dificuldades enfrentadas por educadores em sala de aula, que vêm degradando a situação de ensino do nosso país, refletiu-se que a prática docente pode ser diferenciada e mais humana, logrando bons comportamentos e alto rendimento educacional.

Com a pesquisa realizada foi possível traçar, segundo a teoria utilizada no trabalho, um perfil dos profissionais entrevistados, e ao estar em contato com duas realidades que a princípio parecem ser totalmente distintas, percebe-se que há características muito parecidas entre as escolas públicas e particulares. Nos relatos colhidos, nota-se que ambas as escolas possuem problemas semelhantes e isso contradiz um conceito criado pela maioria das pessoas de que somente são as escolas públicas que possuem alunos com problemas de comportamento e aprendizado.

Analisando cada parecer sobre o conteúdo da pesquisa, encontra-se uma realidade de professores que buscam sim por uma evolução do seu próprio trabalho, visando um bom resultado de conteúdos aliado a bons comportamentos, que pecam às vezes nas punições, por se verem desesperados ao terem que ministrar aulas em salas de 20 alunos ou mais (no caso das escolas públicas) tão agitados e problemáticos, que parecem buscar um aliado frente às suas mesas e cadeiras escolares, como constatado nas respostas de estudantes que obtivemos.

A situação parece ser muito pior a cada dia: alunos agridem professores e muitas vezes saem da escola com um baixo nível de aprendizado, mas é válido poder encarar esta situação e tentar revertê-la. Acredita-se que o professor que realmente aprecia o seu trabalho tem o poder pessoal e intelectual para impulsionar a mudança. É evidente que não conseguirão mudar o processo integral de educação, mas com certeza a contribuição por parte dos mesmos é bastante valiosa.

É preciso que o professor entenda sua missão como profissional, que passe a enxergar que sua luta constante e diária não é em vão, pois a partir dessa jornada que enfrentam, poderão fazer com que surjam no futuro cidadãos bem sucedidos. A postura que se sugere ao professor com este trabalho, é que ele possa encontrar na sua prática docente um motivo para

prosseguir, pois sem metas e objetivos é impossível se obter sucesso não somente nesta profissão, mas na maioria delas. E assim, aliando seu talento como professor a bons métodos de trabalho já citados neste estudo, poderá mudar a situação de ensino tão mal vista no Brasil atualmente, trazendo esperança de melhoras para a formação educacional do indivíduo.

Referências

CORTEZ, Cleide Diniz Coelho. Estudar...Aprender...Ensinar...Mudar...Transformar-se: Um processo contínuo. In: BARBARA, Leila; RAMOS, Rosinda de Castro Guerra. *Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de letras, 2003. p. 221-234.

FONTOURA, Maria Madalena. *Fico ou vou-me embora?* In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pensamento de Paulo Freire(1982). In. *Diretrizes curriculares para a educação básica no estado de São Paulo / Conselho Estadual de Educação*; São Paulo: CEE, 2002.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.), *Vidas de professores*. Porto: Porto, 2000.

LIBERALLI, Fernanda Coelho. *O diário como ferramenta para a reflexão crítica: tese de doutorado em linguística aplicada ao ensino de línguas*. São Paulo: PUC, 1999.

MACKAY, Sandra Lee. *O Professor reflexivo: guia para investigação do comportamento em sala de aula*. São Paulo: Special Books, 2003.

MORAIS, Régis de. *O que é ensinar*. São Paulo: E.P.U, 1986.

NIDELCOFF, Maria Teresa. *Uma escola para o povo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto, 2000

RODRIGUES, Valdes. A difícil missão de ser professor hoje. *Jornal Comércio da Franca*, n. 20.349, 20 out. 2008.

SHEPARD, Willian Clarence. *Como ser um bom professor*. Traduzido por Maria Amélia Matos. São Paulo: EPU, 1974.

Apêndice A

Questionário da pesquisa – professores

Questões Pesquisa com professor	Respostas Professor
<p>- Qual a maneira mais eficaz de se conseguir admiração e respeito dos alunos?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Quais atividades elaborar para prender a atenção do aluno?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Como você articula momentos prazerosos em sala de aula, com a teoria e conteúdo a ser ministrado?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Já houve problemas de comportamentos mais sérios em suas aulas? Qual foi a solução mais pertinente aplicada ao caso?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>

Apendice B

Questionário da pesquisa – alunos

Questões Pesquisa com aluno	Respostas Aluno
<p>- Como o professor deve se portar para conseguir sua admiração e respeito?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Qual o estilo de aula/professor que te prende a atenção e o interesse em aprender certo conteúdo?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Que tipo de atividade você considera ideal para poder memorizar e aprender certo conteúdo?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>
<p>- Em sua sala já houve problemas sérios entre professor e aluno no que diz respeito a comportamento? Qual a atitude tomada pelo professor?</p>	<hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>